



Uma investigação sobre o Ser da Moda: a filosofia das roupas em Thomas Carlyle¹

*An enquiry on the Being of Fashion: The
Philosophy of Clothes in Thomas Carlyle*

[ANA CAROLINA ACOM]

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras (Unioeste). Bolsista Capes.

E-mail: anacarolinaacom@gmail.com

[JOANA BOSAK]

Doutora em Literatura Comparada. Professora no bacharelado em História da Arte (UFRGS).

E-mail: joanabosak@gmail.com

[DENISE MORAES]

Doutora em Educação. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (Unioeste).

E-mail: denisepedagoga@gmail.com

[185]

[resumo] Esta pesquisa é parte de uma investigação sobre o Ser da Moda. A ontologia da Moda se define na relação com um corpo vestido ou adornado; por conseguinte, face a um corpo sem vestes ou vestes sem corpos. Nesta relação ontológica com o Ser da Moda, o foco principal será o artefato vestível como elemento fundante de um ser social vestido. Durante a investigação nos deparamos com a obra *Sartor Resartus*, escrita em 1834 por Thomas Carlyle, por se tratar de um romance existencial baseado na filosofia das roupas. Ainda que o autor ironize a questão, seu objetivo não é um ataque à moda, mas trazer a ideia de uma sociedade que se baseia na roupa.

[palavras-chave]

Sartor Resartus; Filosofia das Roupas; Thomas Carlyle.

[abstract] This paper is part of the research on the Being of Fashion. The ontology of fashion defines itself in relation to a dressed or adorned body; therefore, to a non dressed body or robes without a body. In this ontological relationship with the Being of Fashion, the focus is the wearable artifact as the founder of a social and dressed being. During the research process we found *Sartor Resartus*, written in 1834 by Thomas Carlyle. This book is an existentialist novel based on the philosophy of clothes. Even if the author ironizes the topic, his aim is not to promote an attack on fashion, but to bring the idea of a society based on clothes.

[keywords] Sartor Resartus; Philosophy of Clothes; Thomas Carlyle.

Ao propor uma investigação ontológica² sobre a Moda buscamos seu Ser, o qual reside na relação com um corpo vestido ou adornado; assim como no corpo sem vestes ou vestes sem corpos. Dessa forma, o Ser da Moda constitui-se na relação do homem com o artefato vestível, tornando-o um ser social vestido. Este artigo não explora diretamente esta teoria, mas reporta uma revisão conceitual de autores retomados durante a pesquisa, que exploraram uma filosofia da moda ou das roupas com enfoques distintos. O texto destaca a obra de Thomas Carlyle que, de certo modo, ironiza a moda, mas torna-se indispensável para a abordagem de uma filosofia das roupas.

Assumindo a ideia de fabular sobre uma ontologia da Moda³, encontramos este romance bastante estranho, que em seu cerne ridicularizaria uma "Filosofia da Moda": *Sartor Resartus* (1834) do escocês Thomas Carlyle (1795-1881), título que poderia ser traduzido como "Alfaiate Remendado".

A peculiaridade de *Sartor Resartus* provém da construção ficcional de uma prosa, cujo objetivo central é o de expor ideias filosóficas. A história do filósofo alemão Diógenes Teufelsdröckh é narrada por um editor inglês que, ao mesmo tempo, organiza, traduz e comenta a "Filosofia das Roupas", livro enviado pelo próprio pensador com a intenção de dar a conhecer ao público de língua inglesa suas ideias. O editor, julgando ter em mãos uma novidade filosófica que deverá exercer influência benéfica sobre o pensamento de seus compatriotas, põe-se a traduzir e comentar trechos do material recebido (SOUZA, 2012, p. 2).

[186]

O livro de Carlyle é uma ficção, do gênero romance, fundada na narrativa de um editor inglês que conta a história do filósofo alemão Diógenes Teufelsdröckh, ao mesmo tempo em que comenta e traduz sua teoria. O pensamento de Teufelsdröckh radicaliza a existência humana em função das roupas. Estas seriam a base de toda existência humana e, através delas, poderíamos compreender melhor nossa própria existência (SVENDSEN, 2010).

Assim, neste assunto tão fértil das ROUPAS, se incluem todos os homens que pensaram, sonharam, fizeram e foram: todo o Universo exterior e o que contém não é, senão a Roupas, e a essência de toda Ciência se apoia na FILOSOFIA DAS ROUPAS (CARLYLE, 2013, p. 739)⁴.

A observação indispensável é que *Sartor Resartus* não é uma obra sobre as roupas, mas sobre a existência humana. Ainda que o autor ironize a questão da Moda, nem por isso a obra deixa de ser um dos escritos mais

argutos sobre o tema, de acordo com o filósofo sueco Svendsen (2010). Thomas Carlyle não objetivava um ataque à moda como tal, "mas defender a autenticidade humana – que o interior deve corresponder ao exterior, e que nosso eu exterior deve ser a expressão de uma espiritualidade genuína" (SVENDSEN, 2010, p. 20).

A maneira como Carlyle pensa uma Sociedade das Roupas através de seu personagem, o Professor Teufelsdröckh, pode soar muitas vezes bizarra, regada a sarcasmo e intrincadas metáforas e neologismos. Contudo, os fundamentos de seu pensamento existencial e sobre a transitoriedade de símbolos podem ser extraídos deste romance (ROSSATTI, 2011).

O professor Teufelsdröckh desenvolve sua "teoria dos símbolos", de que as roupas seriam a simbologia máxima, sendo tudo o mais referido a elas por analogia. Ele pretende provar a influência moral, política e religiosa das roupas. Todos os interesses do homem estão "presos, abotoados e sujeitos às roupas. A sociedade se funda nas Roupas, ou, por outro lado: A sociedade navega pelo Infinito sobre as Roupas, como sobre um Manto fáustico" (CARLYLE, 2013, p. 504)⁵. A Filosofia das Roupas classifica como vestidas todas as coisas visíveis, porque estas seriam manifestações ou vestes do espírito. Uma vez que a essência humana seja despojada de suas embalagens, como cascas de tecido que a envolvem, podemos discernir desde os rudimentos primitivos, o que é mutável do que é imutável no Ser do Homem: suas roupas ou adornos, sempre existindo como algo que o reveste.

[187]

A metáfora principal da obra é o tecido: o tecer e re-tecer, assim como o construir, reconstruir e destruir, são analogias utilizadas para tratar do poder de criação existente no ser humano (ROSSATTI, 2011). Não por acaso, um dos últimos capítulos do livro chama-se "Alfaiates", em que o filósofo tece elogios a estes profissionais que operam as tramas, e parece basear seu pensamento no ofício de fazer vestes. "O alfaiate não é apenas um homem, e sim uma espécie de Criador ou Divindade" (CARLYLE, 2013, p. 2864).⁶ Neste ponto, podemos ver todo o poder atribuído à roupa como potencializadora de identidades e de posições sociais, já que o alfaiate tem como principal função confeccionar trajes masculinos. De acordo com a teoria das roupas, "o homem é convertido em Nobre pelo alfaiate revestido não apenas de Lã, mas de Dignidade e de um Domínio Místico" (CARLYLE, 2013, p. 2866)⁷. A obra segue dissertando sobre tudo o que constitui "o belo tecido da Sociedade": seus mantos reais, estolas pontifícias e as passagens da história, do Estado de Natureza (desorganização e nudez) até a organização da sociedade em Estados Nacionais e da Humanidade. Segundo a teoria, poderíamos atribuir todos estes acontecimentos como criação do Alfaiate. "O que são os Poetas e os Moralistas, senão uma espécie de Alfaiates metafóricos?" (CARLYLE, 2013, p. 2868)⁸. Sem dúvidas, a metáfora é relevante para pensarmos uma Sociedade da Roupas, um Alfaiate como

o "arquiteto do universo" dos maçons, ou Demiurgo de Platão, mas que constrói a sociedade civilizada, essencialmente vestida.

O título em latim *Sartor Resartus* seria algo próximo daquele que remenda, conserta (BUSSARELLO, 1998). Em inglês, temos o termo *sartorial* para nos referirmos à alfaiataria, mas se fosse traduzido, poderia ser algo como *Taylor Retailored*. Já não encontramos a mesma sonoridade em português, que ficaria algo como 'Alfaiate Remendado ou Recosturado'. De qualquer modo, permanece a metáfora de criação e recriação, ou costura do Ser Social através da figura do alfaiate (ROSSATTI, 2011).

Para o professor Teufelsdröckh, assim como cobrimos a nudez de nosso corpo com as vestes, também todos os convencionalismos, costumes e ritos da sociedade são considerados como roupas que ocultam o verdadeiro modo de ser do homem. Do mesmo modo, no conto "A Roupas Nova do Imperador", publicado por Andersen (1964) em 1837, mas inspirado em uma tradição espanhola anterior, situada provavelmente na Idade Média, o rei se encontra despido da tradição e dos costumes ao aparecer publicamente.

[188]

O professor na obra de Carlyle parece reivindicar uma função retórica para as roupas: como as vestes de um juiz (sua peruca e toga) ordenam uma condenação, e como as pessoas o identificam e legitimam suas ordens? (BARNARD, 2003). As roupas de um juiz são emblemas visíveis de sua autoridade, razão "pela qual todos os mortais sabem que ele é um JUIZ [...] Quanto mais penso na Sociedade, mais me impressiona o fato dela se fundamentar nas Roupas" (CARLYLE, 2013, p. 607).⁹

Malcolm Barnard (2003), em seu livro *Moda e Comunicação*, considera particularmente significativo para uma teoria da moda a ideia trazida por Carlyle de uma sociedade que se baseia na roupa. O autor de *O Casaco de Marx*, Peter Stallybrass (2008), também apresenta esta noção de uma "Sociedade das Roupas", em que podemos ver alguns exemplos de relações sociais constituídas em torno destas materialidades vestíveis.

Baseado no exemplo de Carlyle, do Juiz e de um Maltrapilho que se submete à sua sentença, Barnard (2003) evidencia que as posições de autoridade e *status* não são meramente refletidas pelas roupas, mas constituídas pelas roupas que estes homens vestem. Estes elementos também encontramos no conto "O espelho", de Machado de Assis (1962), autor influenciado por Carlyle, assim como pode ser verificado no início do conto "O Empréstimo": "Como deveis saber, há em todas as coisas um sentido filosófico. Carlyle descobriu o dos coletes, ou, mais propriamente, o do vestuário" (ASSIS, 2007, p. 138).

Em "O espelho", por exemplo, Machado de Assis traz a visão radical do personagem de Carlyle, endossando a ideia contraditória de que o "hábito faz o monge". Como se a roupa de fato determinasse uma identidade e vida social, a ponto de que o alferes, quando despojado de seu uniforme, não se reconheça mais como tal, alterando significativamente sua identidade individual e social.

A ideia de radicalizar a existência humana em função das roupas transforma a obra de Carlyle em um documento sobre a Filosofia Existencial das Roupas, algo que relaciona a essência do homem e sua cotidianidade com o vestir.

O termo "existência" designa simplesmente o Ser (Sein) do homem, a despeito de todas as qualidades e capacidades que um indivíduo possa ter e que são acessíveis à investigação psicológica. Assim, o que certa vez Heidegger comentou corretamente em relação à "filosofia da vida" também se aplica à filosofia da existência (ARENDT, 2008, p. 192).

[189]

Carlyle compara o desenvolvimento da Filosofia das Roupas com uma vulgar e perigosa viagem que envolve o homem como uma casca de tecido; uma viagem em direção ao interior das vestes da alma humana. Uma vez que a essência humana seja despojada de suas embalagens, podemos discernir desde os rudimentos primitivos, o que é mutável e o que não é no Ser do Homem – suas roupas ou adornos –, sempre existindo algo que o revista. A roupa é tratada como uma ideia arquitetônica: roupa e corpo constituindo o edifício de uma pessoa. De modo que um ser desnudo perderia sua identidade.

Talvez nem uma vez na sua vida te ocorra, seu vulgar bípede, de qualquer país ou geração, seja um Príncipe de manto dourado ou um Camponês de casaco de carneiro, que o seu traje e seu Ser não são um e indivisíveis; que está nu, sem roupas, até que roube ou compre uma e a costure ou abotoe (CARLYLE, 2013, p. 567).¹⁰

Carlyle utiliza o exemplo dos dândis, em um capítulo dedicado à "Sociedade dos Dândis". "Um Dândi é um homem cujo negócio, ofício e existência consiste em vestir-se" (CARLYLE, 2013, p. 2697)¹¹, sua inteligência decorre de suas roupas. Ironicamente, ele compara a "seita dos Dândis" com a "seita dos mendigos andrajosos", tecendo uma série de análises sobre o estilo de vida de ambos. Mas o que subjaz neste comparativo é o reino da Sociedade da Roupa, dois polos em que se contrapõem aspectos da sociedade inglesa do século XIX, com hábitos e disputas definidas pelo código vestimentar. No caso do dândi, temos o responsável pela instituição

dos princípios do traje masculino, daquele momento até o presente, eliminando exageros e barroquismos que redefiniram, pelo vestir, os padrões de comportamento e atitudes; e os mendigos pedintes, cuja pobreza suplicante é, justamente, atestada por seus trapos. Em ambos os casos não se trata somente de aparências, mas do conjunto de gestos, odores e palavras autenticados pelo vestir.

Outro caso na literatura é a peça *Pigmalião* (1913), de George Bernard Shaw, diversas vezes adaptada para o cinema e para o teatro. Nesta história, a transformação de uma vulgar vendedora de flores em dama da sociedade não se dá somente pelo vestir uma roupa adequada. Eliza Doolittle veste-se, também, de costumes refinados e de toda uma reeducação de seu linguajar.

Dessa forma, *Sartor Resartus*, além de um romance existencial, se coloca, assim como *Pigmalião*, como crítica social. Estas obras lidam de modo irônico com uma das bases da sociedade vitoriana: as diferenças de classe e como as percebemos através das aparências, vestes, gestos e falas. Relevante sempre lembrar que o mito de Pigmalião retomado por Shaw origina-se de um dos textos basilares da literatura ocidental, *As Metamorfoses* de Ovídio, e é retomado ao longo da história da cultura sob o signo do debate entre cópia e original, chegando a Alfred Hitchcock, com *Um corpo que cai* (*Vertigo*, 1958), segundo estudo do historiador da arte romeno Victor Stoichita (2006).

Carlyle (2013) encontra, assim, um dos fundamentos ontológicos do homem como Ser Social Vestido ou Adornado, e se refere aos motivos fundamentais que levaram o homem a se vestir e se adornar:

[...] entre os selvagens, encontramos tatuagens e pinturas incluídas, mesmo antes da existência de roupas. A primeira necessidade espiritual de um bárbaro é o adorno, como podemos comprovar entre as classes bárbaras nos países civilizados. [...] O Vestir começa com uma enlouquecida fixação pelo Adorno. E em que as Roupas não se converteram desde então?! A seguir vem a segurança e um agradável aquecer do corpo. A Vergonha, a divina Vergonha (Vergonha, Modéstia), todavia alheia ao seio do Antropófago, surgiu misteriosamente sob a Roupa; um santuário místico, rodeado de verde para o Sagrado do Homem. As Roupas nos deram individualidade, distinção, governo social; as Roupas nos têm feito Homens e ameaçam nos tornar uma Tela de Roupa (CARLYLE, 2013, p. 393-406).¹²

Em Carlyle, a função primeira das roupas é adornar o homem, antes mesmo da proteção e do pudor. Essa teoria tornou-se célebre através de

outro autor, o britânico John Carl Flügel (1884–1955), que escreve, em 1930, *A Psicologia das Roupas*, cujo principal conceito é o de atribuir à roupa três funções primordiais: adorno, pudor e proteção. Flügel muito provavelmente inspirou-se em Carlyle, já que o cita em outras passagens. Seu livro é considerado um clássico na teoria da Moda, referência até hoje, sobretudo, por ter sido traduzido no Brasil em 1966. A obra é produto do enquadramento psicanalítico com o qual Flügel estava comprometido em sua época: vogas teóricas peculiares à década de 1930 (BARNARD, 2003).

A primazia da proteção, como motivo para o uso de roupas, tem poucos defensores; estudantes de humanidades parecem relutantes em admitir que uma instituição tão importante como a roupa tenha tido uma origem tão puramente utilitária. [...] o exemplo de certos povos primitivos existentes, notadamente os habitantes da Terra do Fogo, mostra que a roupa não é essencial, mesmo num clima úmido e frio. Neste assunto, as conhecidas observações de Darwin acerca da neve derretendo nos corpos destes rudes selvagens, parecem ter mostrado a alarmada geração do século XIX que seus confortáveis agasalhos, por mais cômodos e desejáveis que pudessem parecer, não eram inexoravelmente requeridos pelas necessidades da constituição humana. Ao pudor, além de parecer gozar da autoridade da tradição bíblica, foi concedido o primeiro lugar por uma ou duas autoridades no campo puramente antropológico. A grande maioria dos estudiosos tem, sem hesitação, considerado o enfeite como o motivo que conduziu, em primeiro lugar, à adoção de vestimentas [...] Os dados antropológicos demonstram principalmente o fato de que entre as raças mais primitivas existem povos sem roupa, mas não sem enfeites (FLÜGEL, 1966, p. 13).

[191]

A definição do que vem primeiro, o adornar-se ou o proteger-se, não deve ser fundamental para pensar o fato de sempre existirem vestes arraigadas à existência humana. É bem provável que em regiões mais gélidas o homem tenha tido como preocupação se proteger do frio, enquanto que, nos continentes quentes, onde a espécie humana teria tido sua origem, os homens fabricassem elementos que servissem como enfeites.

O pudor ou vergonha é uma das motivações atribuídas por Carlyle e Flügel para o uso de roupas, mas parece um dos atributos mais fracos se não o pensarmos diretamente relacionado com o relativismo cultural de cada meio. Em um primeiro olhar, pensamos na atual civilização ocidental, em que não é aceito andar nu, assim como apresentar-se com roupas de baixo. Por mero convencionalismo as pessoas usam trajes de banho em público, mesmo que cubra menos certas partes do corpo do que uma calcinha, por exemplo. Em muitas culturas a vergonha é mais associada ao

fato de eu não possuir certo adereço ou elemento tradicional, do que ao ato de exhibir o corpo nu, que pode ser vergonhoso ou agressivo no mundo ocidental. "Não há qualquer conexão essencial entre indumentária e pudor, uma vez que cada sociedade tem sua própria concepção de traje e comportamento recatado" (ROACH; EICHER *apud* BARNARD, 2003, p. 84).

O que não quer dizer que não existam conceitos de vergonha ou pudor. Estes conceitos variam entre diferentes culturas. Como no exemplo trazido por Barnard (2003): o barão von Nordenskiöld, em uma de suas expedições à Amazônia, insistiu em adquirir o botoque (aparato labial) de uma nativa. A moça mantinha-se imperturbável em sua nudez; quando aceitou trocar o item, retirou-o e parecia bastante envergonhada e confusa sem o adereço, então correu para se esconder no meio da floresta. O sentimento relativo da vergonha é tão arraigado à nudez na cultura ocidental, que precisamos lembrar casos como esse. Isso poderia ser comprovado pela existência da expressão usada quando alguém esquece algo corriqueiro: "me sinto nua" sem tal objeto (ao esquecer anéis ou o celular, por exemplo). O pudor ou a vergonha resultam do costume de usar algo, não sendo a razão de se vestir algo (BARNARD, 2003). O uso da indumentária não surge de nenhum senso inato de pudor, mas o pudor resulta de hábitos costumeiros de indumentária e ornamentação do corpo e de suas partes.

[192]

O uso de roupas para a proteção está associado à manutenção da temperatura corporal: contra os excessos e intempéries do frio, vento e sol. Mas a proteção, de acordo com Flügel (1966), pode ser espiritual também, nas crenças relacionadas aos usos de amuletos ou patuás, que servem de adorno e identificam culturas.

Flügel (1966, p.74) se refere à confecção da roupa e à construção da casa como funções protetoras. "Ambas protegem contra o frio e outras inclemências do tempo." O que remete ao questionamento de um professor, certa vez: "A casa é uma roupa que a gente habita, ou a roupa é uma casa que a gente leva?"¹³. De acordo com Flügel, as roupas seriam casas portáteis.

Com sua ajuda carregamos – como caracóis e tartarugas – uma espécie de casa em nossas costas e disputamos as vantagens do abrigo sem a desvantagem de nos tornarmos sésseis. Inventamos até mesmo um número de objetos que estão na natureza de transição entre roupas e casas. O carro com teto ou a caruagem [...] O guarda-chuva é outro. No que se refere a este pequeno instrumento com seu teto de emergência, é difícil dizer se corresponde mais a uma casa em miniatura, transportável ou a um traje externo temporário (FLÜGEL, 1966, p. 75).

O arqueólogo Gordon Childe (1977, p. 24) afirma que "a cultura material é em grande parte uma reação ao meio". Ao lidar com os artefatos arqueológicos, Childe relaciona diretamente a fabricação humana de equipamentos com sua sobrevivência. "Fogo, roupa, casas e alimentação adequada permitem, ao homem suportar o frio ártico e o calor tropical com a mesma facilidade" (CHILDE, 1977, p. 24).

Nossa espécie, o homem, no sentido mais amplo, conseguiu sobreviver e multiplicar-se principalmente pelo aperfeiçoamento de seu equipamento [...] é através de seu equipamento que o homem atua sobre o mundo exterior e reage em função dele, obtém seu sustento e escapa aos perigos – em linguagem técnica, adapta-se ao meio ou mesmo ajusta o meio às suas necessidades. O equipamento do homem, porém, difere significativamente dos recursos utilizados pelos outros animais, que os transportam em si mesmos, como parte do corpo. O coelho tem patas adequadas para cavar, o leão tem garras e dentes para estraçalhar sua caça, o castor tem presas agudas, a maioria dos animais tem pelos ou cabelos que os mantem aquecidos – a tartaruga carrega até mesmo a casa às costas. [...] O homem não dispõe de quase nenhum equipamento desse gênero, e até perdeu alguns de tais recursos, que lhe eram naturais nas épocas pré-históricas. Foram substituídos por instrumentos, órgãos não corporais que ele fabrica, utiliza e despreza segundo suas conveniências. Faz picaretas e pás para cavar, armas para matar a caça e o inimigo, enxós e machados para cortar a madeira, roupas para manter-se aquecido no frio, casas de madeira, tijolo ou pedra para abrigar-se (CHILDE, 1977, p. 10).

[193]

Sob os mesmos preceitos de Childe, Carlyle (2013) fundamenta a teoria das roupas nas bases da existência humana, pois que o homem é o único animal capaz de conceber e empregar ferramentas, das quais as vestes são artefatos intrínsecos. Com bases na cultura material, a arqueologia atesta a evolução humana, e o homem torna-se humano justamente pelo desenvolvimento de seu equipamento extracorporal. Será através do estudo e das descobertas destes equipamentos, que poderemos conhecer seu processo evolutivo e civilizatório (CHILDE, 1977). Desse modo, parece interessante pensar uma ontologia da Moda a partir de estudos sobre equipamentos enquanto artefatos vestíveis, os quais fornecem informações sobre hábitos, tecnologia, necessidades, estética e inspiração. As ferramentas primitivas, adereços ou roupas, atestam uma relação humana metafísica com o vestir.

Ao se referir ao estudo da indumentária a partir da arqueologia, Patricia Anawalt (2005) comenta sobre as dificuldades de conservação das

roupas, relacionadas ao clima. A maior parte dos restos materiais orgânicos é perecível. As coisas feitas em "madeira, couro, lã, linho, vegetais, cabelo ou materiais semelhantes [...] se decompõe[m], desaparecendo em anos ou séculos, a não ser em condições excepcionais (CHILDE, 1961, p. 10). Anawalt (2005) afirma que, para reconstruir indumentárias do México antigo, foi necessário recorrer às representações em materiais arqueológicos e manuscritos. A partir de esculturas, escritos e gravuras encontradas, formou-se o inventário de trajés.

Outro exemplo que fundamenta a importância do estudo arqueológico no campo da Moda é a descoberta de agulhas de costura em cavernas paleolíticas. James Laver (2005) considera a invenção da agulha de mão como um dos maiores avanços tecnológicos da humanidade. Ele compara sua importância à invenção da roda e descoberta do fogo.

Grande quantidade dessas agulhas, feitas de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho foram encontradas em cavernas paleolíticas, onde foram depositadas há 40 mil anos. Algumas são bem pequenas e primorosamente trabalhadas. Essa invenção tornou possível costurar pedaços de pele para amoldá-los ao corpo. O resultado foi o tipo de vestimenta ainda hoje usado pelos esquimós (LAVÉR, 2005, p. 10).

[194]

Em um novo estudo, publicado no *Journal of Human Evolution*, edição de dezembro de 2018, pesquisadores catalogaram uma grande quantidade de agulhas pré-históricas coletadas em todo o mundo, oriundas de locais como Birmânia, China, Sibéria entre outras regiões da América e Europa. De acordo com o estudo, os autores acreditam que o ato de costurar pode oferecer uma chave cognitiva para o estudo da tecnologia e do modo de vida do período Paleolítico Superior (de 50.000 a 10.000 anos atrás) (PAGANO, 2019).

Muitas vezes, as roupas não chegam até nós, mas as agulhas de costura e outras ferramentas que atestam sua confecção testemunham essa produção. Em 2017, em uma caverna perto do rio Inya, na Rússia, cientistas descobriram agulhas de costura de 20 mil anos. Apesar de sua origem pré-histórica, as agulhas são sofisticadas. Além de afiadas o suficiente para perfurar pesados couros de animais, elas possuem o buraco da agulha, o que teria permitido aos "precoces alfaiates" enfiar algum tipo de "fio" e costurar. A diversificação de tamanhos e detalhes das agulhas sugerem também funções além da proteção, como bordados e ornamentos. Os autores do artigo "The origin and evolution of sewing technologies in Eurasia and North America" apontam o uso e fabricação de roupas como um caminho na investigação sobre o que teria possibilitado aos hominídeos

colonizarem regiões inóspitas e não adequadas à suas fisiologias térmicas (D'ERRICO *et al.*, 2018). Assim, as agulhas de costura, além de revelarem as raízes da Moda, assinalam outras importantes características da pré-história humana: a capacidade de percorrer longas distâncias e a capacidade do pensamento complexo.

A descoberta dos artefatos arqueológicos demonstra como o homem tornou-se humano pelo trabalho, isto é, através de seu equipamento extracorporal. Para Childe (1977), o primeiro capítulo da história humana, ao qual ele se refere como "selvageria paleolítica", está entrelaçado com a História Natural. A partir destas pesquisas, tomamos conhecimento do uso de peles animais, primitivas formas têxteis e ferramentas de toda ordem. Estudamos, assim, a evolução física do homem, suas modificações corporais e as interferências dos artifícios em sua natureza.

Como já foi dito, não é necessário priorizar uma dentre as três motivações destacadas do vestir. Cada uma delas – adorno, pudor e proteção – é bastante significativa a seu próprio modo. Muitos autores, tais como Flügel (1966), Carlyle (2013) e Saulquin (2010), referem-se à primazia do adorno, por existirem povos desnudos, mas não sem algum tipo de acessório. No entanto, não se considera os adornos isoladamente como motivação, pois deve ser examinada a relação entre os três elementos.

[195]

Um caso muito citado é o dos povos da Terra do Fogo, os Yaganes ou Yámanas, povos originários da região da Patagônia e encontrados por expedições ainda no século XVI. De acordo com relatos, apesar do frio intenso, alguns membros destes povos do extremo sul da América cobriam-se pouco e permaneciam com os corpos expostos. As mulheres usavam colares feitos de ossos de pássaros ou de conchas enfiadas em tiras de nervos ou de tendões de baleia, pulseiras de couro nos braços e tornozelos. Todos se adornavam com enfeites naturais e elaboradas pinturas corporais. Eles untavam seus corpos com gordura de lobo marinho, como um eficaz meio de cortar o frio. Vestiam capas curtas de peles ou de couro de lobo marinho e lontra, o que mantinha o restante do corpo descoberto. Este fato parece curioso pelo frio extremo, mas indica que aqueles que não andavam completamente nus, cobriam apenas as partes mais expostas ao vento, pois o excesso de roupas poderia mantê-las úmidas e acarretar perda de calor no corpo. Este povo fabricava muitas armas, alguns carregavam arcos e flechas, arpões, lanças entre outras peças de pedra lascada (BEROS, 2005).

Através do exemplo dos Yaganes, de proteção, adorno e utilidade, podemos relacionar a estética destas tribos com suas condições de sobrevivência. "É indubitável que existe uma estreita relação entre a construção do sistema das aparências e as necessidades que têm as sociedades em

suas distintas etapas históricas" (SAULQUIN, 2010, p.167). As trocas geradas entre a roupa e o corpo, a sociedade e a natureza, irão conduzir interpretações sobre as relações sociais. A estética de um povo pode ser pensada através de seu gosto pelo que considerava belo, por crenças religiosas e místicas, assim como pelas condições de sobrevivência relacionadas à caça, clima ou guerras.

Considerações finais

A leitura de *Sartor Resartus* provoca o pensamento sobre ontologia e existencialismo para falar das roupas e, assim, possibilita uma teoria sobre a metafísica do vestir ou adornar-se. Carlyle traz uma reflexão do absurdo de uma sociedade pautada em vestes, mas desperta reflexões sobre como o convívio social se baseia de fato em vestes e acessório – como é o caso dos apêndices corporais, desde bolsas primitivas para pescas aos celulares como extensão de nossos braços.

A obra de Carlyle, pelas lentes de seu personagem, o filósofo fictício Teufelsdröckh, é uma crítica social que pode ser analisada como ponto de vista metafísico da relação humana com os artefatos vestíveis. Suas reflexões provocam a retomada de outras obras literárias nas quais as roupas figuram como personagens e possibilidades de pertencimentos existenciais.

O estudo arqueológico, no qual se documentam as primeiras relações humanas do vestir e do costurar, torna-se um precioso material de análise para justificar a relação existencial humana com o uso de roupas e adornos.

Esta pesquisa refere-se ao desdobramento de uma investigação que culmina no problema da tese de doutorado em desenvolvimento de uma das autoras, Ana Carolina Acom, tese que busca o Ser da Moda para fundamentar do que trataria o Campo da Moda.

Recebido: 15-8-2018

Aprovado: 18-10-2018

NOTAS

¹ Verão ampliada do artigo "Filosofia da Moda, das Roupas, Whatever", apresentado no 14º Colóquio de Moda (2018) e escolhido melhor artigo apresentado no GT 14: A Dimensão Estética da Moda: Aparência, Arte e Sensibilidade. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202018/Grupos%20de%20Trabalho/GT%2014%20-%20A%20Dimens%20Estetica%20da%20Moda%20Aparencia,%20Arte%20e%20Sensibilidade/Ana%20Carolina%20Acom%20-%20FILOSOFIA%20DA%20MODA,%20DAS%20ROUPAS,%20WHATEVER.pdf>

² Ontologia se refere ao estudo do Ser enquanto ser, baseado na metafísica aristotélica, que seria a ciência que busca o aspecto comum a todas as coisas, o fato se "serem", isto é, existirem.

³ Problema da tese de doutorado, em desenvolvimento, de Ana Carolina Acom, que busca o Ser da Moda para fundamentar o campo da Moda.

⁴ Tradução nossa de: "Así, en esta cuestión tan fértil del VESTIDO, bien entendido, se incluyen todos los hombres que han pensado, soñado, hecho y sido: todo el Universo externo y lo que contiene no es sino Vestido y la esencia de toda Ciencia se apoya en la FILOSOFÍA DEL VESTIDO".

⁵ Tradução nossa de: "abrochados, abotonados, y sujetos por el Vestido [...] La sociedad se funda en el Vestido, o, en otro lugar: La sociedad navega por el Infinitonito sobre el Vestido, como sobre un Manto fáusticol".

⁶ Tradução nossa de: "El Sastre no sólo es un Hombre, sino una especie de Creador o Divinidad".

⁷ Tradução nossa de: "el Hombre es convertido en Noble por el Sastre y revestido no sólo de Lana sino de Dignidad y un Dominio místico".

⁸ Tradução nossa de: "¿Qué son los Poetas y los Moralistas sino una especie de Sastres metafóricos?"

⁹ Tradução nossa de: "a las cuales todos los mortales saben que es JUEZ? La Sociedad – que más me asombra cuanto más pienso en ella – se funda en el Vestido".

¹⁰ Tradução nossa de: "Quizá ni una vez en la vida se le ocurra a vuestro vulgar bípodo, de cualquier país o generación, ya sea un Príncipe de áureo manto o un Campesino de bermeja zamarra, que su Vestido y su Ser no son uno e indivisible; que está desnudo, sin vestido, hasta que robe o compre uno y, por previsión, lo cosa y abroche".

¹¹ Tradução nossa de: "Un Dandi es un Hombre que viste Ropas, un Hombre cuyo negocio, oficio y existencia consiste en vestirse".

¹² Tradução nossa de: "entre los salvajes, encontramos tatuajes y pinturas incluso antes que el Vestido. La primera necesidad espiritual de un bárbaro es el Adorno, tal como seguimos comprobando entre las clases bárbaras en los países civilizados. [...]el Vestido, que empezó con una descabelada afición por el Adorno ¡y en qué no se habrá convertido desde entonces! Pronto siguieron una mayor Seguridad y un agradable Calor, pero ¿y qué? La Vergüenza, la divina Vergüenza (*Schaam*, Modestia), todavía ajena al seno del Antropófago, surgió misteriosamente debajo del Vestido; un altar místico y rodeado de bosques para lo Sagrado del hombre. El Vestido nos dio individualidad, distinciones, gobierno social; el Vestido nos ha hecho Hombres y amenaza con convertirnos en una pantalla de Ropa".

¹³ Pergunta que o professor Marcelo Gomes fez à Ana Carolina Acom, durante sua disciplina *Interdisciplinaridade e Totalidade*, durante a aula no doutorado do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, primeiro semestre de 2017.

REFERÊNCIAS

- ANAWALT, Patricia Rieff. Atuendos del México Antiguo. In: VELA, Enrique. *Arqueología Mexicana* (edición especial): Textiles del México de ayer y hoy. México: Editorial Raíces/Instituto Nacional de Antropología e Historia, Jun. 2005.
- ANDERSEN, Hans Christian. A Roupa Nova do Imperador. In: *Jóias do Conto Infantil: Contos de Andersen*. São Paulo: Cultrix, 1964. v. 1.
- ARENDT, Hannah. *Compreender – Formação, exílio e totalitarismo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras/UFMG, 2008.
- ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. v. 2.
- ASSIS, Machado de. *50 Contos – Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BARNARD, Malcolm. *Moda e Comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BEROS, Mateo Martinic. *Crónica de las tierras del sur del canal Beagle*. Punta Arenas: La Prensa Austral, 2005.
- BUSSARELLO, Raulino. *Dicionário Básico: Latino-Português*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- CARLYLE, Thomas. *Sartor Resartus*. Barcelona: Alba, 2013. (Edição do Kindle).
- CHILDE, Gordon. *Introdução à arqueologia*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.
- CHILDE, Gordon. *O que aconteceu na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- D'ERRICO, Francesco *et al.* The origin and evolution of sewing technologies in Eurasia and North America. *Journal of Human Evolution*, v. 125, p. 71-86, dez. 2018.
- FLÜGEL, John Carl. *A psicologia das roupas*. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- LAVIER, James. *A Roupa e a Moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PAGANO, Jacob. Sewing Needles Reveal the Roots of Fashion. *Sapiens: Antropology | Everything Human*, Califórnia, jan. 2019. Disponível em: <https://www.sapiens.org/archaeology/fashion-history-sewing-needles/>. Acesso em: mar. 2019.
- ROSSATTI, Gabriel Guedes. Do não ao sim eternos ou subjetividade e vontade no Sartor Resartus de Carlyle. *Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, UFRB*, v. 3, n. 1, p. 63-78, jun., 2011.
- SAULQUIN, Susana. *La Muerte de la Moda, él Día Después*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- SOUZA, Ana Helena. Sartor Resartus como Discurso Transcultural e sua Tradução Brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI, 3., 2012, Florianópolis. *Anais [...] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012*. Disponível em: <http://www.abrapui.org/anais/ComunicacoesIndividuaisLiteratura/4.pdf>. Acesso em: fev. 2018.
- STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- STOICHITA, Victor. *Simulacros. El efecto Pigmalión: de Ovidio a Hitchcock*. Madrid: Siruela, 2006.
- SVENDSEN, Lars. *Moda: uma Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.